

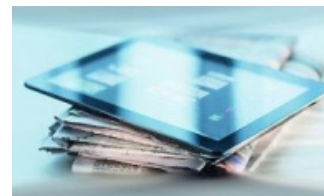
## Editorial

---

### Além da imaginação

PUBLICADO EM 06/09/18 - 03h00

Enquanto o Brasil olha de longe os venezuelanos que entram em Roraima fugindo da fome no país vizinho, não enxerga um enorme contingente que, já morando aqui, mudou de classe social: nos últimos quatro anos, o Brasil “ganhou” 6,3 milhões de novos pobres. É o correspondente a um Paraguai inteiro que se moveu para a parte mais baixa da pirâmide das estatísticas sociais.



Convide-se, leitor, a fazer um exercício mental: como seria viver com R\$ 233 por mês? Nem a mais fértil imaginação é capaz de pintar esse quadro, que é a realidade de 23,3 milhões de pessoas, em todo o Brasil, hoje. Até o nome técnico parece surreal: abaixo da linha da pobreza.

Não conseguimos imaginar essa vida porque a ignoramos todos os dias, quando vemos a fila do restaurante popular, quando tropeçamos no mendigo que sai do abrigo onde passou a noite, quando repetimos que “só fica desempregado quem não quer trabalhar”.

Os ganhos das últimas décadas não podem ser ignorados. Em 1994, ano em que surgiu o Plano Real com a moeda que usamos até hoje, os pobres eram 31,45% da população brasileira. Em 2017, são 11,2%, segundo dados da **Fundação Getulio Vargas** revelados hoje por **O TEMPO**. O problema é que, de 2014 para cá, mesmo após o fim técnico da recessão, essa parcela de miseráveis só cresce. A desigualdade de renda vai completar três anos seguidos de alta, coisa que não acontecia desde 1989, quando tivemos a primeira eleição direta para presidente depois do fim do regime militar. De nada adiantam uma política econômica eficiente no controle da inflação, acordos internacionais de comércio, investimento estrangeiro e instalação de multinacionais se essa sujeira estiver sendo varrida para debaixo do tapete.

São números que não dá mais para ignorar. É um retrocesso que não podemos mais permitir. Qualquer que seja o próximo presidente da República, terá que endereçar esse problema, embora governar para os paupérrimos não seja nem um pouco atraente. Já dizia o sábio Joãozinho Trinta: “Quem gosta de miséria é intelectual”.

O que achou deste artigo?